

Catarina Botelho

Horas Extraordinárias

7 de Maio a 11 de Junho de 2016

Horas extraordinárias ou a documentação de um tempo disjunto

The time is out of joint. – Hamlet, Act 1, Section 5

As imagens intituladas *Horas extraordinárias* fazem parte de uma série fotografada ao longo de dois anos no Museu Calouste Gulbenkian, em Lisboa, nos dias de fecho ao público, quando as actividades de manutenção e técnicas como as de limpeza, conservação ou iluminação tomam lugar. Trata-se de uma observação atenta do espaço museológico nas horas *entre* situações: uma sala de exposição que é remodelada, obras de arte que são retiradas para serem restauradas, emprestadas ou substituídas por outras, abrindo espaço a novas relações entre as peças de uma dada colecção. É durante *este* intervalo de tempo do espaço museológico que Catarina Botelho (Lisboa, 1981) procura registar, e *presenciar*, uma temporalidade específica, da mesma natureza que o “tempo suspenso” que encontrou nos domingos de Inverno em certas zonas de Lisboa (*Estrangeira aqui como em toda a parte*, 2015), durante as madrugadas no interior de edifícios institucionais em São Paulo (*Memória descritiva*, 2013), nos *hammams* de Istambul antes do horário de abertura ao público (*O tempo e o modo*, 2011-12) – *tempos* em que estes espaços são esvaziados da sua actividade e funcionalidade. A artista chega a estes lugares quando cessa o seu fluxo produtivo, quando uma determinada visibilidade é apartada destes espaços.

É a invisibilidade deste *tempo* entre actos que é documentada nestas imagens. No caso particular do espaço museológico, é através do registo da relação espaço/tempo, quando a ausência de visitantes é substituída pelo trabalho que, ainda que aconteça afastado do olhar público, tem como objectivo, precisamente, fazer com que este se torne mais visível – limpando-o, iluminando-o, abrindo-o. É um trabalho não-visível que tem como tarefa o melhoramento da visibilidade e por consequência de valorização de um determinado capital, por via de uma actividade pouco renumerada - trata-se também aqui de um registo de um tempo capitalista.

As imagens que integram *Horas extraordinárias*, quando pensadas no seu fazer *político*, no *estar* neste determinado tempo e nestes determinados espaços, podem ser entendidas em continuidade com o ensaio visual de Louise Lawler em torno do museu pós-moderno no livro *On the museum's ruins* (1993) de Douglas Crimp. Nele a fotógrafa contribuiu com um conjunto de imagens de obras de arte em situações não visíveis ao grande público: acervos de museus, interiores de casas de colecionadores, leilões, etc. Cerca de vinte anos separam-nos das instâncias do mercado da arte abordadas por Lawler, mas creio que a grande diferença é que tratando as duas fotografias o *meio* do mesmo ponto de vista, o de quem está no *backstage*, as invisibilidades tornadas visíveis são distintas. Há como que um desviar do foco, ainda que o enquadramento seja o mesmo: o de Lawler estará mais no *espaço* institucional e o de Botelho num *tempo* instituído ou em situações que resistam a este.

Time out of joint é uma expressão recorrente no contexto teórico da arte contemporânea; lembra a formulação de Giorgio Agamben em *O que é o contemporâneo?* (2009) mas também a ideia do com/temporâneo proposta em *Comrades of time* (2010) por Boris Groys. Uma derivação deste enunciado é mencionada por Maurice Blanchot em *L'Amitié* (1972) quando descreve o espaço a-histórico do museu. Quando "googlamos" a expressão, a primeira referência que aparece é numa fala de Hamlet. Hoje, este tempo, talvez corresponda aquele *fora* dos actos de produção. Um tempo de resistência à lógica capitalista sobre o qual Catarina Botelho parece ter vindo a ocupar-se e que neste trabalho encontrou uma correspondência num espaço que propomos denominar de *museu descapitalizado*. Por um lado, o espaço museológico encontra-se em crise financeira mas também ontológica; e por outro, a evidência, à primeira vista menor, de que na língua francesa a palavra *museu* é escrita, maioritariamente, e ao contrário da língua portuguesa, com o «m» descapitalizado. A dupla acepção da palavra que adjectiva este *museu imaginário* abre espaço a um conjunto de possibilidades de que estas horas extraordinárias são documento.

Maria do Mar Fazenda, Abril de 2016